Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Gazeta Class.: APFR0067
Data 03/09/89 Pg.: 9 10, 12 e 13

Beto, taí o papo falando da nossa viagem pelo Juruá. Tem muitos parecidos com os palavras e com os amigos de Tatassia. Um abraço do txai Terri

PAPO DE INDIO txai terri valle de aquino

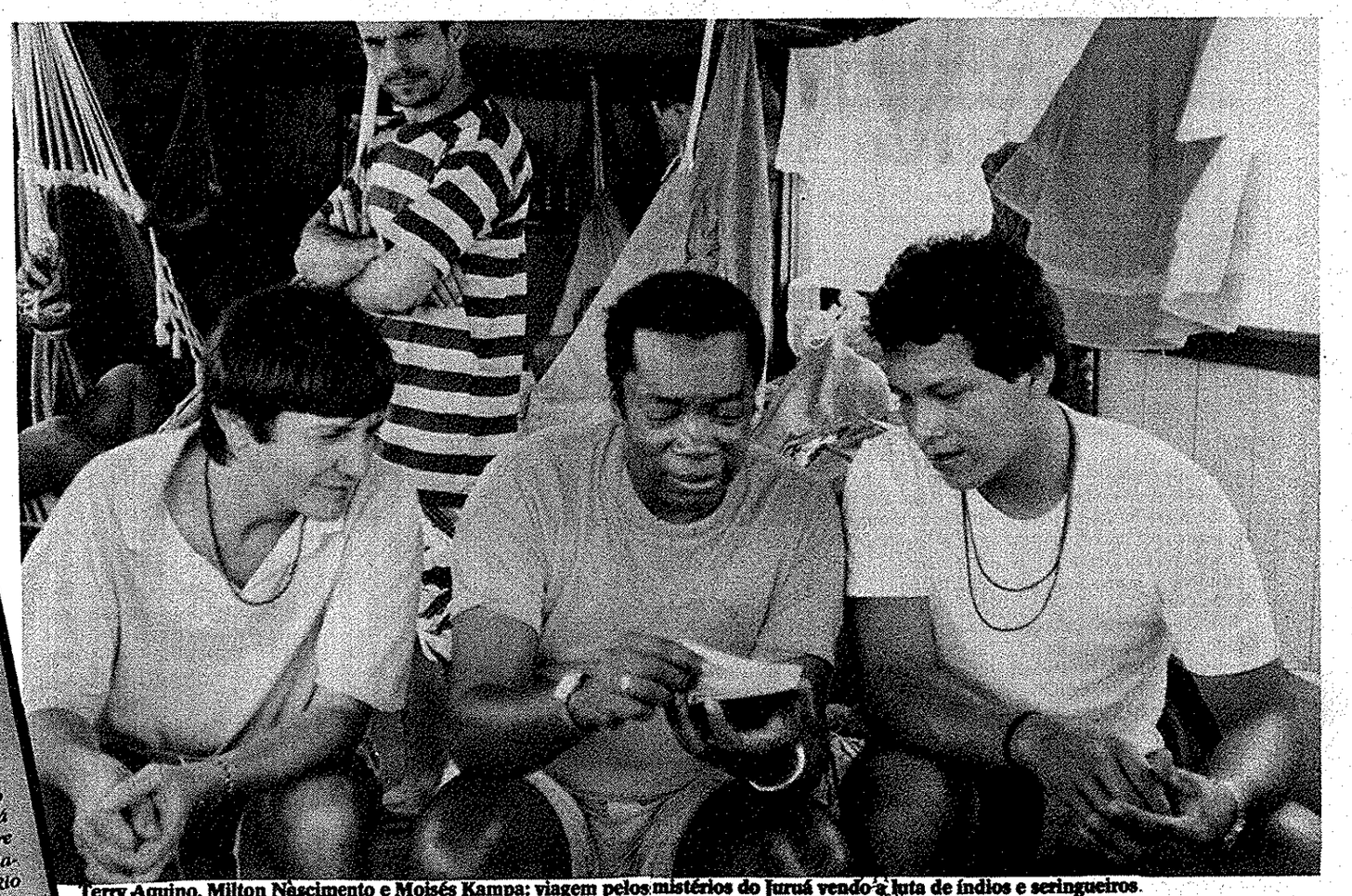
O JURUA A MIL TONS

Desde a morte de Chico Mendes, quando o Acre passou a ser "o centro do mundo" e por aqui começaram a passar piracemas de ecologistas, cineastas, antropólogos, cientistas, jornalistas, turistas, gringos etc, me deu uma vontade danada de dar um tempo desta terra que tanto amo e pela qual dei o melhor de mim durante os últimos 15 anos de minha vida, percorrendo seus rios, aldeias e seringais.

Para fugir a todo este modismo de ocasião preferi viver na periferia da terceira margem do Rio e ter todo tempo disponível para ler os meus cadernos de campo (anotações e impressos pessoais que faço quando visito os índios), todos os relatórios de identificação, delimitação e demarcação das áreas indígenas e, ainda, todos os projetos e relatórios de acompanhamentos das cooperativas dos índios, que lhes permitiram ocupar e garantir por conta própria as suas terras (pequenas partes de seus antigos territórios) e que hoje em dia representam aproximadamente 10% (dez por cento) da área total do Estado.

Passei mais de um mês organizando pacientemente os arquivos da CPI-ACRE e os da gente próprio e quando começava a leitura desta papelada toda fui surpreendido por um convite do txai Macedo e do Beto do CEDI/SP para acompanharmos Milton Nascimento numa viagem pelo grande Juruá, rio de muitas voltas e de águas castanhas claras Milton e Juruá são, sem dúvida, uma dose dupla de emoções. O Juruá é um dos mais belos e encantadores rios acreanos, ainda mais durante o verão. Em suas margens e florestas vivem milhares de ribeirinhos, barranqueiros, seringueiros e índios. Um povo de gente boa, hospitaleira e trabalhadora. E Milton é essa figura simples, mineiro-carioca uma pérola negra da canção brasileira. Gosto dos dois de longas travessias. Não dava mesmo para ficar no inverno carioca e em plena Copacabana ("Copacabana já não me engana mais") no apartamento que o compadre João das Neves gentilmente me cedeu para estudar e trabalhar, enquanto o batelão da história subia o Ti Tu HENE, Rio de muitas curvas, como o Juruá é chamado na língua dos meus txai Kaxinawá. Vim arrastado pelo coração. E como diz Milton em uma de suas muitas belas canções "o que importa é ouvir a voz que vem do coração".

Os leitores que curtem esta coluna certamente não iriam também perder uma oportunidade dessa, de se tornarem amigos de Milton e de navegar em pleno verão acreano, pelo Alto Juruá, o rio chefe deste vale de águas. E amigo, como bem ele canta, "é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito".



Terry Aquino, Milton Nascimento e Moisés Kampa: viagem pelos mistérios do Juruá vendo a luta de índios e seringueiros.

GAZETA do Estado

Rio Branco-Ac., 03-09-89

DOCUMENTO ESPECIAL

Uma viagem mágica com índios e seringueiros

Esta viagem, me parece, teve uma dupla finalidade. De um lado, inspirar o nosso compositor negro nos sons e espíritos que vêm das nossas matas. Documentar toda esta viagem por este pedaço da Amazônia acreana, seus rios, seringueiros e índios. E de outro divulgar no resto do Brasil e no mundo que vimos um arco-íris de uma aliança brilhando no fundo dos seringais, onde índios Kampa, Kaxinawá, Jaminawá-Arara e o povo da borracha do rio Tejo proclamam sua vontade de permanecer com as suas florestas e culturas preservadas. E Milton precisava ver tudo isso de perto para nos contar de perto. Pra falar às multidões é preciso mais do que meras palavras, é preciso a força que vem do conhecimento, das emoções e sentimentos de quem passou pela floresta com bons propósitos no coração. E tudo isso eu observei no nosso cantor negro, uma pessoa silenciosa, tímida, vergonhosa ao falar de si próprio, sem estrelismo mas que presta uma atenção danada e que gosta mesmo é de conversar com a meninada. Me disse ele que tem mais de 60 afilhados por este Brasil afora. Eu sei dizer mesmo que o nosso povo índio e seringueiro ganhou mais um aliado forte em Milton e todos nós acreanos precisamos de outros tantos Miltons Nascimento para vencer esta grande batalha.

A viagem durou duas semanas, mas nos pareceu a todos que durou muito mais. Acordávamos às 5 da manhã e só parávamos de navegar às 6 da tarde, contemplando o por do sol maravilhoso sobre a floresta e as águas morenas do Juruá. Algumas vezes só íamos dormir de madrugada alta, como naquela noite inesquecível em que a lua cheia se escondeu atrás da terra.

O eclípse da lua nos pegou totalmente de surpresa nas praias do rio Amônea. Milton estendeu o seu lençol e deitou na praia namorando a lua e ainda ouvi ele comentar que nunca tinha visto um espetáculo tão límpido e maravilhoso como aquele em toda a sua vida. A lua ficou avermelhada parecendo um balão de São João e o céu ficou escuro e mais próximo de todos nós. O txai Macedo ainda serviu um pouco de cipó para alguns de nós, preparado pelo pagé Kampa Jorge Mesa do rio Amoninha. Um cipó que transformou aquele acontecimento na noite dos encantos. Eu mirei uma jibóia bela e colorida se transformando numa linda mulher e domei-lhe as suas forças e encantamento. O Mauro foi dormir mais cedo com ciúmes da sua cobra d'água desencantada. E o Sian, meu irmão Kaxi, chorou um choro profundo com saudades de sua mãe e pela briga com a jibóia.

Tanya, a Campa-inglesa que encontramos vestida de cusma e toda pintada de urucum, no dia em que completava 20 anos bem comemorados com a festa do Kamarambi na aldeia do Antônio Pianco, escondia atrás do milharal da praia. O txai Macedo, com o violão de Milton, eu e Renilza Manaitá, felizes da vida, cantávamos os belos hinos do mestre Irineu Serra, enquanto a lua permanecia encoberta pela sombra da terra. E eu, feito menino travesso, como é do meu feitio, ainda brincava com os que iam dormir mais cedo: — Quem dormir antes da lua voltar a brilhar é mulher do padre! Eh noite encantada! Eh noite inesquecível para os nossos corações e mentes. E viva a Rainha da Floresta!

DANÇA DOS BOTOS

Se a noite da lua marcou a nossa passagem pelo Amônea, a dança alucinante dos botos cor de rosa marcou a nossa viagem pelo Juruá. Sou acostumado a viajar pelo Juruá, mas nunca tinha visto os botos assim tão pertinho, todo inteiro, bailando à flor das águas, numa manhã tão luminosa. O nosso batelão (conhecido na região como o barco "Chico Mendes") encalhado num banco de areia facilitava o espetáculo, que foi fartamente filmado, fotografado e até cantarolado. Os jacarés nas beiras do barranco, os tracajás tomando sol em cima dos paus, os camaleões caçando pelas praias, as piracemas de mandin, os casais de araras voando no céu, os bandos de andorinhas voando sobre a floresta, as praias plantadas de milho, feijão, melancia e a copa da samaúma se destacando sobre as outras árvores das matas, as barracas humildes dos ribeirinhos; enfim, tudo isso compondo o cenário natural e humano deste povo tão hospitaleiro da seringa e da floresta.

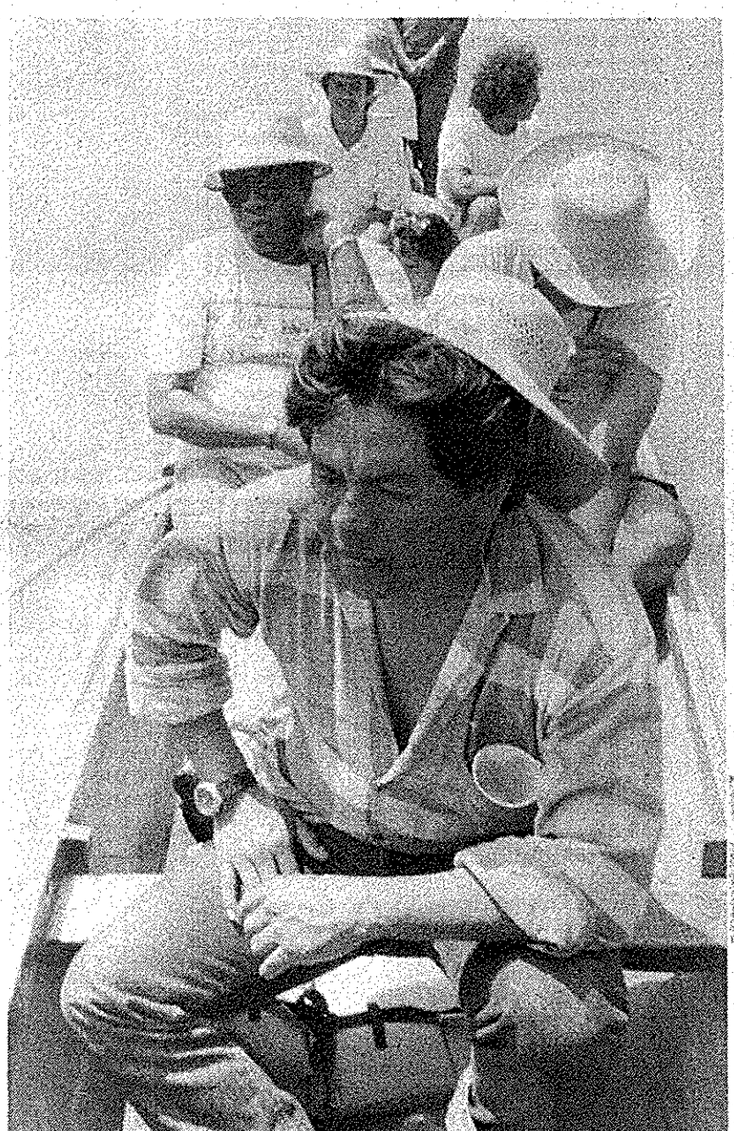
Depois de 5 dias de subida chegamos à cachoeira do Gaston, uma quebra d'água bonita e perigosa do Juruá. Lá deixamos o barco Chico Mendes e seguimos em pequenas canoas rumo à Vila Thaumaturgo, onde nos esperavam grande número de seringueiros do Tejo e as lideranças Jaminauá-Arara do rio Bagé. Lá aconteceu um ato público muito legal, onde todos falamos, apoiando a criação da Reserva Extrativista do Rio Tejo e a aliança dos índios e seringueiros em defesa de suas terras, matas e seringais.

CAISSUMA DOS KAMPAS

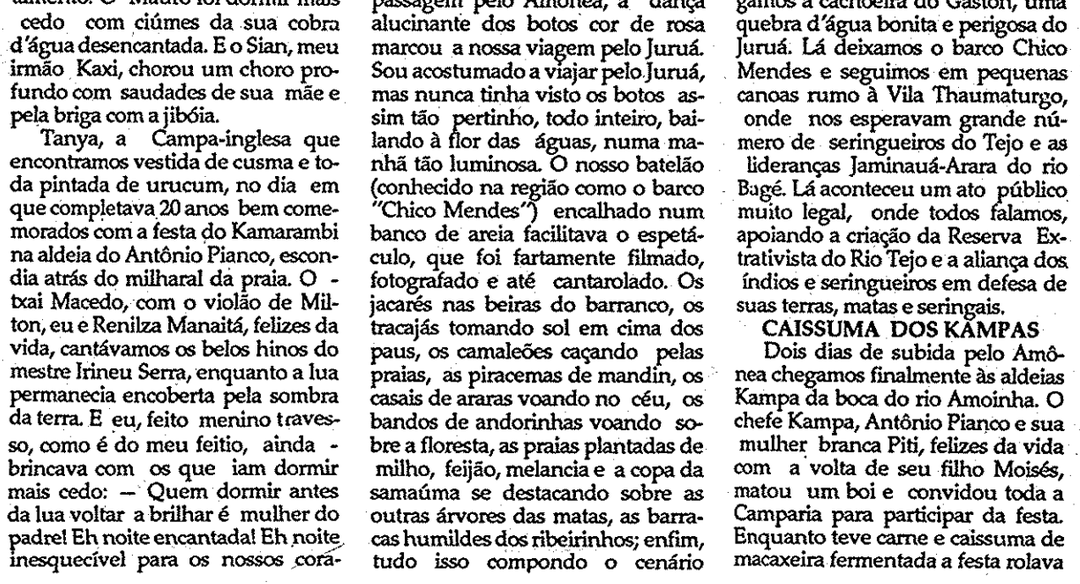
Dois dias de subida pelo Amônea chegamos finalmente às aldeias Kampa da boca do rio Amoinha. O chefe Kampa, Antônio Pianco e sua mulher branca Piti, felizes da vida com a volta de seu filho Moisés, matou um boi e convidou toda a Camparia para participar da festa. Enquanto teve carne e caissuma de macaxeira fermentada a festa rolava alegre e animada. A noite tomamos Kamarambi forte na luz da lua cheia. No dia seguinte fomos visitar a aldeia Kampa do pagé Jorge Mesa. Lá o encontramos encoivarando o seu grande roçado de mandioca, milho, arroz e batata. Almoçamos na casa de seu irmão Rafael o surubim gostoso que o txai Macedo tinha acabado de pescar no rio Amônea. Trocamos presentes e ele nos deu um litro de cipó que tinha preparado com muito cuidado e carinho, parecendo mais um mel da ayahuasca. Bastava tomar um pouquinho para a gente viajar até onde era impossível de se chegar. Me deu a metade do cipó e a outra deu para o txai Macedo. Milton, que só bebe água mineral ou água de coco, a tudo olhava e observava, mas se dizia ainda não preparado para tomar esta bebida maravilhosa. Aliás nenhuma pessoa de sua equipe (mineiros e paulista) tomaram o cipó, mas ele era o único que chegava perto de nós, assistia a abertura dos trabalhos espirituais dirigidos pelos pajés e algumas vezes pelo txai Macedo emprestava o seu violão e sentava na praia escutando os hinos do Macedo e do mestre Juramidam cantado por todos nós. No final da viagem me pediu um pouquinho do cipó para levar para sua casa e lá se preparar para tomá-lo junto com seus amigos mais próximos.

CIPO NA ALMA

A viagem de volta, pelo menos para mim e para o Sian Kaxinawá, foi marcada pelo cipó. Todo mundo sabe o valor que eu dou a esta bebida, que aprendi a tomar com o pagé Carlito Cataina desde 1975, quando ele me conduziu por todas as aldeias indígenas dos rios Envira, Tarauacá, Murú, Humaitá, Breu e Juruá. Graças a esta bebida, o carinho e a hospitalidade com que era sempre recebido nas casas dos índios e seringueiros, eu me apaixonei por esta floresta e participei ativamente da luta pela libertação de suas terras e seringais. Viva o cipó, esse vinho forte da mata! O cipó não faz a cabeça não, faz é o nosso coração, a nossa alma.



Marcos Terena, Milton, Terry e Macedo: ouvindo a voz que vem do coração



Uma ubá Kampa nas águas tranquilas do rio Amônea

A viagem continua nas páginas Centrais da Ilustrada, com Milton e Terry

Acervo ISA

Povos da floresta mudam a realidade no alto rio Tejo

A viagem foi também maravilhosa por termos encontrado os seringueiros do Tejo. Em Maio deste ano tive a oportunidade de, junto com o compadre Toim Alves e Jorginho Nazaré, ter visitado o Tejo pela primeira vez e ainda levando as mercadorias de sua cooperativa, hoje chamada de Associação dos Seringueiros do Rio Tejo. E fiquei muito orgulhoso ao saber que, com aquelas primeiras mercadorias, eles já produziram mais de 35 mil quilos de borracha, totalmente independente do monopólio comercial dos seus antigos patrões. Isso cala a boca de muitos patrões, deputados que só defendem os interesses patronais (vocês viram o papo do Vagner Sales nos jornais? – que coisa mais reacionária, meu Deus!) e de grandes grupos econômicos que compraram mais de 50% de nossas florestas com seringueiros e índios dentro. Esse papo de ecologistas americanos estarem contaminando índios com Aids e de que os seringueiros do Tejo estão diminuindo a produção de borracha do Juruá é uma conversa mentirosa. Não só eu, mas toda a equipe de Milton Nascimento, somos testemunhas de que esse deputadozinho está mentindo e sabemos muito bem o que está por trás de suas palavras caluniosas. Ele está mesmo é com inveja do txai Macedo, que está fazendo um trabalho honesto e sincero apoiando concretamente o povo da floresta. O txai Macedo sim é que merece ser o deputado dos acreanos sofridos do vale do Juruá. Que está ao lado do povo, dos seringueiros, dos ribeirinhos, dos barranqueiros e dos índios.

O Vagner Sales só anda no Juruá no tempo de eleições, distribuindo um medicamentozinho, espelhinhos e fazendo um assistencialismo inconsequente e estéril. Também li o relatório mentiroso do Coronel Gualter Craveiro ao Governador Flaviano Melo difamando o trabalho do txai Macedo, do Conselho Nacional dos Seringueiros e da Associação dos Seringueiros do Tejo. Quando ele passou pelo Tejo, em Março deste ano, só parou no barracão dos patrões, articulando a sua futura candidatura a deputado estadual. Nós distribuimos cópias de seu relatório para os índios e seringueiros do Juruá ficarem sabendo e conhecendo melhor quem está realmente ao lado deles. Vão mentir em outro lugar.

UNIÃO DOS SERINGUEIROS

Desde Maio/89 já foram investido 126 mil cruzados novos em mercadorias, meios de transporte e construções e os seringueiros do Tejo, como já disse, produziram, durante estes últimos 3 meses, mais de 35 mil quilos de borracha. Deste total já comercializaram 6.286 Kgs de borracha na cidade de Cruzeiro do Sul, permanecendo o restante da produção nos núcleos comunitários da Associação dos Seringueiros do Rio Tejo. Como disse o nosso amigo Chico Ginú, presidente da Associação do Tejo: "Os seringueiros estão muito satisfeitos com o seu trabalho, com a sua cooperativa. Pois eles estão comprando mercadorias mais baratas e vendendo o seu produto mais caro, porque, antes da cooperativa e da Associação, o seringueiro não tinha direito de ver o preço de sua borracha.

Antes da Associação, o seringueiro não tirava saldo e ainda era escravisado e expulso de sua colocação de seringa pelos patrões e até pela própria polícia. E hoje, com toda a dificuldade, a cooperativa chegou e tudo já mudou. Hoje a gente já vê seringueiro com saldo. Tão pagando as mercadorias que compram na cooperativa e ainda tiram o seu saldozinho, o que não acontecia antes, no tempo dos patrões. Hoje, com a nossa cooperativa, os seringueiros já não pagam mais a renda de suas estradas de seringa.

Antes da Associação, cada seringueiro do Tejo era obrigado a pagar 60 a 120 quilos de borracha de renda, conforme o número de estrada de seringa que ocupasse. Agora, acabou-se com este roubo da renda. Antes da Associação os seringueiros não tinham escolas para educar seus filhos e não tinham assistência médica. Agora vão ter. Antes ninguém reconhecia o direito que o seringueiro tinha. Agora, graças ao Conselho Nacional dos Seringueiros, do qual eu sou Vice-Presidente, do trabalho do Macedo e da nossa própria organização estamos lutando para o reconhecimento de nossa Reserva Extrativista do Rio Tejo". É isso aí, Chico Ginú! Suas palavras calam a boca de muita gente, principalmente destes políticos que só defendem os interesses patronais lá do Juruá.

ALIANÇA DA FLORESTA

Torno a dizer que depois da morte de Chico Mendes, o trabalho mais bonito do Conselho Nacional dos Seringueiros não está mais sendo feito em Xapuri não, mas sim lá pelas bandas do Juruá, onde além da luta pela implantação da Reserva Extrativista do Tejo (o Tejo é reconhecido como rio da borracha, com capacidade para produzir mais de 400 mil quilos de borracha por safra anual), com 226 mil hectares, a aliança com índios e seringueiros está sendo levada a prática e não uma conversa mentirosa. Os índios Jaminãua-Arara do Bagé, por exemplo, receberam 10% das mercadorias do armazem geral da Boca do Begé, que é administrado pelo seringueiro Dolor. E isso eu estou falando porque vi, não é conversa fiada não. Se não fosse essa ajuda dos seringueiros do Tejo, os índios Jaminãua-Arara não teriam tido condições de organizar a sua cooperativa, pois a ajuda que receberam da Funai este ano foi só de 900 cruzados novos. Um novo projeto já foi encaminhado ao BNDES visando consolidar a cooperativa do rio Tejo, mas incluiu também 5 áreas indígenas que circundam a maior e a mais importante das Reservas Extrativistas do Acre.

A Embaixada do Canadá aprovou recentemente um projeto escrito pelo txai Macedo e pelo Mauro Almeida para a implantação de uma oficina mecânica no Tejo. Agora os seringueiros vão fabricar as suas próprias tigelinhas de seringa, baldes, lâminas e cabos de facas de seringa, porongas, lamparinas, consertos de suas espingardas e de seus motores. Tão vendo como é que é minha gente? Lá no Juruá tem um ditado popular que diz assim: – "A MENTIRA VEM NA FRENTE E A VERDADE VEM ATRAS", não é mesmo Sr. Vagner Sales?

O txai Macedo também escreveu um projeto de saúde, que está sendo aprovado pela Saúde Sem Limites lá da Inglaterra, visando treinar 19 agentes de saúde, 4 supervisores e a contratação de 2 médicos para dirigir os treinamentos e acompanhar o desenrolar deste projeto durante os 2 primeiros anos de sua existência. Isso é o que eu chamo fazer Política com P maiúsculo e não politicagem mentirosa. Viva o txai Macedo! Viva o Chico Ginú! Viva o Mauro Almeida (o antropólogo dos seringueiros do Juruá)! Viva a Reserva Extrativista do Rio Tejo! Viva a Aliança dos Povos da Floresta!

No ato público na Vila Thaumaturgo, seringueiros e índios mostram sua união

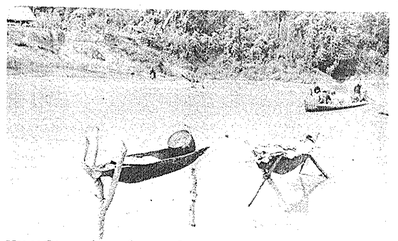
Um índio Kampa, em traje cerimonial, na aldeia do rio Amônea

E ainda tem mais. O txai Macedo também não se esquece dos índios do Juruá. Escreveu um projeto para os Kampa do rio Amônea (visando criar uma alternativa econômica para extração de madeira de dentro da área indígena) e outro para o povo Poianáua do Seringal Barão do Rio Branco (reflorestamento de 200 hectares de terras com castanheiras, pupunhas, cedro e agoano, numa área anteriormente derrubada pelos antigos patrões e depois abandonada). Aliás o Milton Nascimento adorou o txai Macedo e vai lhe dar um lindo violão de presente como uma homenagem singela por todo esse trabalho bonito que ele está realizando lá no Alto Juruá, como assessor do CNS e como membro da CPI-Acre. É isso aí MILTON!

FUGA DO PERU

Para encerrar o papo de hoje faço apenas mais dois últimos registros. Primeiro, está havendo atualmente uma grande migração dos índios Kampa do Peru para o lado brasileiro como consequência da guerra entre as tropas do governo peruano (exército e guarda republicana) e os guerrilheiros do Sendero Luminoso. Recentemente 50 índios Kampa (entre homens, mulheres e crianças) abandonaram tudo o que tinham nas cabeceiras do Juruá, no lado peruano, e vararam pelas matas até a Area Indígena Kampa-Kaxinauá do Rio Breu. E mais de 40 outros Kampa saíram do rio Sheshe e estão morando atualmente no rio Amoninha pelos mesmos motivos. Os Kampas do Peru não querem entrar nesta guerra de brancos (vira-cochas, como eles chamam) entre um soldados e guerrilheiros. Parece-me que está havendo um recrutamento compulsório dos Kampa pelo exército peruano e eles não estão gostando nada disso. O outro ponto diz respeito aos projetos da Funai para este ano. Quando retornamos de nossa viagem pelo Juruá e Amônea encontramos todas as lideranças das áres indígenas em Cruzeiro do Sul triste e decepcionados com a Funai. Cada comunidade só recebeu 900 cruzados para compra de mercadorias, que no final só dava mesmo para comprar o combustível e um pouco de rancho para voltarem para as suas comunidades. O Marco Terena, que além de ser um representante da UNI, é funcionário da Funai, ficou envergonhado com o que viu das lideranças indígenas do vale do Juruá. Os povos indígenas do Acre não estão precisando de esmolas.

Canoa, canoa desce, no meio rio Juruá. Uma experiência que marcou todos os participantes



Nos cochos, a caiçuma é preparada para a festa dos índios Kampa

Milton: experiência forte

Músico vai levar vivência para seu disco

Para encerrar mesmo esse nosso papo de índio vamos ler o que disse Milton Nascimento no ato público realizado na escola Flodoardo Cabral de Cruzeiro do Sul:

"Essa subida pelo Juruá e pelo Amônia até as aldeias Kampa foi uma experiência incrível pra mim. Eu conheci os seringueiros e os índios e isso foi uma experiência muito forte de vida. E o que éu pretendo fazer é na medida que eu tenho um microfone na mão, que eu canto em nome do povo da nossa terra, é levar toda essa experiência que ainda está se acumulando na minha cabeça, que ainda vai filtrar e sair em forma de música ou mesmo usar todos os meios possíveis de comunicação que eu possa pra fazer chegar aquelas coisas todas que eu aprendi. E como a experiência ainda é muito recente e eu ainda tenho muitas coisas aqui na minha cabeça, ainda não saberia expressar tudo o que aprendi. Agora eu só posso mesmo dizer do carinho como a gente foi recebido em todos os lugares da floresta e das beiradas de rio por onde passamos. Muito Obrigado Povo do Juruá!" É isso aí meu irmão! Viva a Voz mais bonita do meu Brasil! Viva Miltons! Viva a Aliança dos Povos da Floresta!

Muitos índios Kampa estão fugindo do Peru para o Brasil, com medo da guerrilha do Sendero Luminoso e do Exército

Rio Juruá: um rio de muitas curvas e muitas histórias

A GAZETA ILUSTRADA
Rio Branco-Ac., 03-09-89
DOCUMENTO ESPECIAL